

DIÁRIOS DO ANO ZERO

Marcio Tascheto



Ateliê de Humanidades
Editorial

DIÁRIOS DO ANO ZERO



DIÁRIOS DO ANO ZERO

Marcio Tascheto

Só se perde o que realmente não se teve.

JORGE LUIS BORGES

A história literária é sempre uma maldição para quem escreve no presente, aí todos os livros estão acabados e funcionam como monumentos, dispostos em ordem como quem caminha por uma praça à noite. Uma “verdadeira” história literária deveria ser construída sobre os livros inacabados, sobre as obras malogradas, sobre os inéditos: aí se encontraria o clima mais verdadeiro de uma época e de uma cultura.

RICARDO FIGLIA

Ao leitor

Preâmbulo 1

Os anos serão irrelevantes, diários do ano zero, como uma meia noite eterna. Sem efemérides de qualquer natureza. É 00.00h, os passos soam ao longe e os bueiros emitem sussurros. Somos só nós. Diante do leito e do teto de alguma casa perdida. Somos só nós a percorrer a relva urbana, escura, perdidos no primeiro canto de nossas vidas. Somos só nós e o mundo. Entre as feras e a escrita.

Preâmbulo 2

Jogar o jogo sem a promessa de redenção, penso. Como decidir sobre a quem pertence os dias, ao inferno ou ao purgatório? quem autorizamos ser o juiz? as escolhas virão, retorcidas, como os dias. Este diário também poderia se chamar “diário sem paraíso”. Ou a face da maçã. Ou as cabeças de Jano. Ou o diário de um leitor adoecido. Ou qualquer outro delírio que o próximo leitor editar. Pierre Menard já proclamou o fim do autor, proclamo o fim dos títulos, porque os livros sobrevivem sem capas. Ou diário do ano zero, talvez.



05.01

Hoje encontrei-a na calçada, de costas para a rua. Com o olhar na vitrine, observando seu próprio reflexo.

“A memória queima. Longe dela, brilha o deserto”. O leitor está sempre atrás de algum livro que lhe ajude a achar o que não sabe o que perdeu. Como se fosse uma dessas relíquias medievais, objetos mágicos e oraculares que só possuem algum poder outorgado. Depende mais da vontade de crer em alguma coisa do que da coisa mesma. Mas, ainda assim, se crê que funcione. E funcionará, a depender do mundo que se escolha viver. A magia das coisas está na circunstância que se cria ao entorno delas, do mundo que acoplamos, da comunidade de sentidos que ligamos, como nas figuras infantis que nascem de pontos insuspeitos. Relacionar coisas é uma dessas artes forjadas na fé. Acreditar que possamos criar sentido entre as dispersões, associando o improvável. Daí nascem muitos mundos e crenças. Daí nascem os diários. Daí nasce o encontro mágico com um livro, porque vivemos nesse mundo em que os livros são especiais, que nos relatam o que buscamos sem saber. Porque queremos crer que encontraremos algo mais, que ao retornar o olhar da página, esse

e outros mundos, já não são mais os mesmos. Porque queremos que esses e outros mundos não sejam sempre os mesmos. Porque cremos que já não somos os mesmos e que nem sequer lembramos direito o que éramos mesmo. Porque a memória queima, e longe dela, brilha o deserto.

Ela me viu olhando pelo reflexo.

07.01

Os dias não fazem parte das mesmas noites. Teríamos que ter *noitários* para desfazer essa estranha injustiça. Não há conexão. Imagine uma rua em uma cidade qualquer. Agora imagine essa rua durante o dia. O fervor dos carros. As vozes entrelaçadas dos transeuntes. O colorido dos estabelecimentos comerciais. O açougue, a fruteira, o bar, a loja de especiarias, a eletrotécnica. Agora imagine a mesma rua, na mesma cidade, em horas mais tardias. Na escuridão da madrugada. O som de passos ao longe. Um grito na escuridão. O som de latidos que grudam no sonho de alguém. A solidão dos ventos. Uma estrela cadente que ninguém viu. Não, não é o mesmo calendário. Precisaríamos de um calendário ao estilo secreto de Goya, diurno e noturno. Temos que ser justos com as diferenças e ambiguidade de nossas pobres almas. É um modo de não modorrar nossas



Ateliê de Humanidades Editorial

Rua Juparaná, 63, casa 03 – Andaraí, Rio de Janeiro, RJ

CEP: 20541-135

Tel: 21-97979-3743 / 21-98260-9154

Coordenação editorial:

André Ricardo do Passo Magnelli

Capa e projeto gráfico:

Afrodite Sá Peixoto



FONTES: Dolly Pro e Próxima Nova

TAMANHO: 12 cm X 19 cm

PAPEL: Pólen Natural

SÉRIE Poiésis

Os anos serão irrelevantes, diários do ano zero, como uma meia noite eterna. Sem efemérides de qualquer natureza. É 00.00h, os passos soam ao longe e os bueiros emitem sussurros. Somos só nós. Diante do leito e do teto de alguma casa perdida. Somos só nós a percorrer a relva urbana, escura, perdidos no primeiro canto de nossas vidas. Somos só nós e o mundo. Entre as feras e a escrita.

